

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

LARISSA FARES MAIA

MOVIMENTO LGBT E O *YOUTUBE* COMO MEIO MUDIÁTICO

Niterói

2018

LARISSA FARES MAIA

MOVIMENTO LGBT E O *YOUTUBE* COMO MEIO MIDIÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial de avaliação para o título de Bacharel em Produção Cultural.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Flávia Lages de Castro.

Niterói

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

M217m Maia, Larissa Pares
MOVIMENTO LGBT E O YOUTUBE COMO MEIO MUDIÁTICO / Larissa
Pares Maia ; Flávia Lages de Castro , orientadora. Niterói,
2018.
41 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2018.

1. Produção Cultural. 2. Movimento LGBT. 3. Ciberativismo.
4. Mídias. 5. Produção intelectual. I. Título II. Lages de
Castro ,Flávia, orientadora. III. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.
Departamento de Arte.

CDD -

LARISSA FARES MAIA

MOVIMENTO LGBT E O *YOUTUBE* COMO MEIO MUDIÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial de avaliação para o título de Bacharel em Produção Cultural.
Orientadora: Profª Drª. Flávia Lages de Castro.

Aprovado em ____/____/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Flávia Lages de Castro - Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Profª Drª. Neide Aparecida Marinho - Convidada
Universidade Federal Fluminense

Prof Dr. Luiz Carlos Mendonça - Convidada
Universidade Federal Fluminense

Niterói

2018



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato: LARISSA FARES MAIA	Matrícula: 214 033 109
Título do Trabalho: "MOVIMENTO LGBT E YOUTUBE COMO MEIO MIDIÁTICO."	
Orientador(a): FLÁVIA LAGES DE CASTRO	
Categoria: MONOGRÁFICA	Data da Apresentação: 18/12/2018

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): Drª. Flávia Lages de Castro
2º Membro: Drª. Neide Aparecida Marinho
3º Membro: Me. Luiz Carlos Mendonça

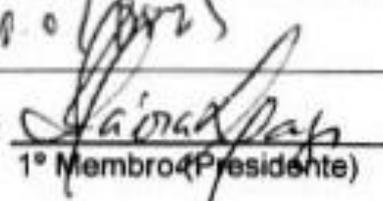
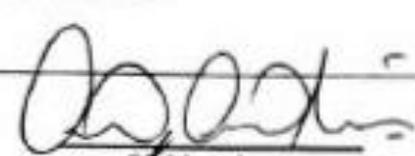
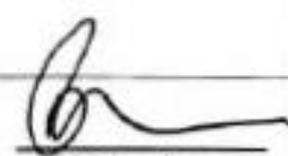
AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

A BANCA CONSIDERA O TEMA RELEVANTE E O RECORTE EXCELENTE.
PERCEBE-SE QUE A ANÁLISE DA ALUNA TEM FÓLEGIO PARA DE CONTINUIDADE AO ESTUDO EM NÍVEL DE MESTRADO.
PARABENIZA-SE A APRESENTAÇÃO QUE ESCLARECEU E APROFUNDOU O TEMA MONOGRÁFICO.

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

11,0 (10,0)

ASSINATURAS:   

1º Membro (Presidente) 2º Membro 3º Membro

AGRADECIMENTOS

Primeiro minha família por estar ao meu lado. Agradeço à minha mãe e meu pai que batalharam muito para me oferecer uma educação de qualidade. A minha avó Tânia, que sempre acreditou no meu potencial e nunca negou uma palavra de incentivo. Às minhas amigas queridas, Larissa Baptista e Jacqueline Champeval, que passaram meses me ajudando a revisar a monografia. A Bianca e Amanda que estiveram em comigo em toda a minha trajetória e com quem tenho a honra de morar junto, que não negaram força e ficaram na torcida, que me fizeram rir em tempos de puro estresse. E por aquelas pessoas que são mais que amigas e não desistiram de mim mesmo nos momentos mais críticos. A todos os professores, que durante anos compartilharam seus conhecimentos comigo, meu muito obrigado. Não posso deixar de agradecer em especial a minha orientadora, Flávia Lages, que nunca negou uma ajuda durante o TCC. Agradeço à Universidade Federal Fluminense, que me proporcionou a chance de expandir os meus horizontes. Obrigada pelo ambiente criativo e amigável nesses quatro anos de formação. Por fim, manifesto aqui a minha gratidão a Deus, que me deu força e energia para realizar a faculdade sem matar ninguém. Gostaria de agradecer a todos que me guiaram até aqui nessa jornada. Finalmente acabou e agora posso ler Senhor dos Anéis em paz.

RESUMO

O tema abordado se refere ao ciberativismo LGBT na plataforma de compartilhamento de vídeos online, o *Youtube*, e como isso é exposto na mesma. Os canais que aqui serão utilizados como estudos de caso, foram selecionados devido à sua forma de abordar o assunto na plataforma digital. O *Youtube* se tornou palco para movimentos pró-minorias muitas vezes esquecidas pela mídia tradicional, já que a plataforma de vídeos transforma em criador de conteúdo quem antes era espectador. O projeto tem como intuito debater sobre o uso dos canais do *Youtube* que foram escolhidos como ferramenta influenciadora quando usada para questões de discussões em prol do movimento LGBT, e como isso altera a visão do cotidiano de jovens que fazem uso contínuo do canal como meio de entretenimento e de conscientização. Também será explorado o conteúdo dos vídeos em questão, além da utilização de questionários para uma precisão de respostas vinda dos usuários da plataforma digital de vídeos. A escolha pelo tema do trabalho de conclusão de curso, do qual é extraída as reflexões contidas neste projeto, deu-se então por uma mídia que agrega esses dois campos, o *Youtube* que, tornou-se o principal site utilizado atualmente pelos usuários da internet para publicar, compartilhar e assistir vídeos.

PALAVRAS-CHAVE: LGBT. Representatividade. Diversidade. *Youtube*. *Digital influencer*. Ciberativismo.

ABSTRACT

The theme approached refers to the LGBT cyberactivism on the online videos sharing platform YouTube, and how it is exposed in it. The channels that'll be used here as study cases, were selected because of its way of approaching the subject in the digital platform. YouTube became a stage to pro-minorities movements regularly forgotten by traditional media, once that the videos platform transforms into content makers who once was a viewer. The project has as an objective to debate the use of the YouTube channels that were chosen as influencer tool when used to discuss matters about the LGBT movement, and how it changes the view of the daily life of young people who uses the channels continuously as entertainment and awareness means. The content of these videos will also be explored, and will be made the use of questionnaires to obtain precise answers coming from online digital platforms users. The choice for this paper's theme, from which is extracted the reflections in this project, was given by a media that joins these two fields, YouTube, that became the main website used nowadays by internet users to publish, share and watch videos.

KEYWORDS: LGBT. Representativeness. Diversity. YouTube. Digital influencer. Cyberactivism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	30
Gráfico 2	31
Gráfico 3	32
Gráfico 4	33
Gráfico 5	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA – GÊNERO E DEBATES INICIAIS	14
1.1 DEBATENDO GÊNERO DE FORMA INICIAL.....	17
1.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	20
2 O ATIVISMO EM REDE	24
2.1 O YOUTUBE	24
2.2 CIBERATIVISMO LBGTQ+	26
3 LGBT EM FOCO	28
3.1 AGRADECIMENTO DE UM “EX” GAY	28
3.2 COMO SE ASSUMIR PARA A FAMÍLIA?	28
3.3 #VISIBILIDADETRANS.....	29
3.4 BISSEXUAL: COMO É? #ORGULHODESER	30
4 PESQUISA DE CAMPO	32
4.1 MOVIMENTO LBGTQ+ E SUA INFLUÊNCIA	32
4.2 <i>DIGITAL INFLUENCERS</i>	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O movimento LGBT é um conjunto de movimentos com viés político, social e ideológico, que tem como objetivo a igualdade de direitos entre pessoas homossexuais, transexuais e assexuadas, sendo eles de caráter político, econômico e profissional.

Segundo o dicionário, a palavra fobia é descrita como:

Fobia – Fo.bi.a

1. Medo mórbido, exagerado: “Que lhe servia ter ensinado às crianças o amor das coisas dignas, se o seu fim era acabar no eito da colônia, cavando a terra [...]? Tomou-se uma espécie de medo, de fobia neurastênica. Recuei” (JR).
2. Falta de tolerância, aversão, intolerância, rejeição: Desde criança, ele tem fobia de luz.
3. MED, PSICOL Estado de ansiedade desencadeado por uma violenta reação de medo, que se manifesta de forma recorrente, quando a pessoa se defronta com determinadas circunstâncias ou objetos específicos, mesmo apenas imaginados ou mencionados; ainda que esse medo seja, conscientemente, considerado infundado ou exagerado pelo paciente fóxico, ele não consegue se controlar e evitar a crise.

A ideia da LGBTfobia tem como ideal a intolerância contra os LGBTs. A fobia contra a comunidade LGBT se refere a um pensamento conservador e opressor vindo de uma maioria que rejeita a diversidade, algo que está fixado na maioria das culturas. Poucas são as sociedades em que os direitos das pessoas homossexuais, e/ou transexuais são concedidos e a naturalização é o primeiro passo para aceitação plena e combate ao preconceito aos padrões impostos pela sociedade. O ciberativismo leva à comunidade LGBT uma nova abordagem contra a discriminação imposta, sem preconceitos ou tabus, atuando como um espaço de informação e representatividade.

Foi através da palavra representatividade que o tema deste trabalho foi escolhido, uma vez que o movimento pela representatividade influenciou a aceitação nas mídias e na sociedade. A evolução da independência e da luta é bem apresentada nos meios de entretenimento, onde pode ser vista uma evolução da representação estereotipada dos LGBTs e a rejeição quando o tema diversidade sexual é abordado para os dias mais atuais, onde vai recebendo um destaque maior e o tema vira pauta para a conquista de direitos civis.

Todos os seres humanos, independentemente de raça, credo ou sexo, têm direito de buscar tanto o bem-estar material quanto o desenvolvimento espiritual em condições de liberdade e dignidade, de segurança econômica e igualdade de oportunidades. (Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho).

Uma pesquisa para aprofundar o tema foi feita com quarenta e sete pessoas com perfis distintos, para debater acerca do ciberativismo e sua influência sobre cada indivíduo. Os resultados coletados mostram que 45 pessoas concordam com a utilização do *Youtube* como ferramenta educadora para o tema abordado. Os outros dois votos se dividiram em neutro e negativo. Apenas 4,25% não foram positivos, o que soma 2,127% como negativo/outro, totalizando 95,75% apoiadores da causa LGBT.

A partir do momento em que uma minoria precisa lutar para existir e resistir, o ato de se assumir publicamente e dividir as experiências, faz com que outras pessoas se aceitem e se imponham a fim de que todos lutem por respeito.

É importantíssimo que crianças e adolescentes tenham acesso à informação sobre seus direitos de exercer sua natureza, sua sexualidade e suas escolhas. A internet proporciona esse acesso, tendo em vista que muitas famílias ainda são repressoras ao extremo. Com a internet, é possível encontrar com pessoas com o mesmo ideal e que acolham e proporcionem a busca por ferramentas de fortalecimento da autoestima e amor próprio. “Não há consciência sem memória. Não há memória sem representatividade” (JESUS, 2018).

Sabemos que a situação do Brasil não é favorável a nenhum movimento, muito menos o movimento LGBT+, sendo o país que mais mata *homo* e *transsexuais* no mundo (grifo nosso). Essa representação midiática é essencial para que outras pessoas se identifiquem e se aceitem. Apesar da representação crescente da comunidade LGBT+ nas mídias online, ela ainda precisa desconstruir uma sociedade conservadora, como todo tipo de representatividade. O aumento da repercussão pode ajudar pessoas que não tem acesso a tais informações, a perceberem que representação nas mídias é importante para se sentir aceito, auxiliando na autoestima, pois as pessoas deixam de se ver como estranhos e passam a ter identidade, cultura e espaço de fala.

Ganhando espaço nas produções midiáticas, com canais que trazem muitas informações que a sociedade não tem muito acesso na grande mídia, com certeza a

importância de influências LGBT+ na internet, é enorme. A comunidade LGBT só quer fazer valer seus direitos civis, então eles devem sim fazer parte de todas as esferas.

Tendo em vista que as mídias sociais são, hoje em dia, via privilegiada na produção de informação, desejo, sensibilidade e etc., à medida que a representação LGBT+ ganha força e ocupa esse espaço, é visto que toda a causa e tudo que habita o movimento, se amplie e ganhe força coletiva, em visibilidade e diálogo que podem, enfim, ser via de resistência política num mundo tão moralizante e preso à categorias dominantes.

É sempre reconfortante saber que as minorias estão podendo se encontrar na mídia e na ficção, especialmente quando muitas crianças crescem confusas com o que são por não terem acesso a modelos iguais a elas (CASTRO, 2018).

1 HISTÓRIA – GÊNERO E DEBATES INICIAIS

A atração por pessoas de mesmo sexo era considerada uma doença até pouco tempo atrás. O termo que fazia referência à homossexualidade, tinha como prefixo o indicativo de doença mental **ismo** – a expressão usada anteriormente era **homossexualismo** –, e foi retirado da lista de patologias pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 17 de maio de 1990. Na mesma década, o termo LGBT se popularizou e tem como função uma abreviatura para Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais ou Transgêneros.

O início da luta dos direitos começou nos Estados Unidos com a Rebelião de *Stonewall*. Uma rebelião com uma série de membros da comunidade LGBTQ+ contra uma batida policial que ocorreu na madrugada de 28 de junho de 1969, no *Stonewall Inn*, no bairro de *Greenwich Village*, em *Manhattan, Nova York*. Esta rebelião é amplamente considerada o evento mais importante que leva ao movimento e a luta moderna pelos direitos LGBTQ+ nos Estados Unidos.

Os homo e transexuais norte americanos nos anos 1950 e 1960 enfrentaram um sistema penal homofóbico. Os primeiros grupos homossexuais nos EUA tentaram provar que poderiam ser assimilados à sociedade e favoreceram a educação não conflituosa para homossexuais e heterossexuais. Os últimos anos da década de 1960, no entanto, foram muito controversos, já que muitos movimentos sociopolíticos estavam ativos, incluindo o movimento pelos direitos civis, a contracultura dos anos 1960 e o movimento anti-guerra do *Vietnã*. Essas influências, juntamente com o ambiente liberal de *Greenwich Village*, serviram como catalisadores a revolta de *Stonewall*.

Poucos acolheram pessoas abertamente homoafetivas nos anos 50 e 60, especialmente bares, cujos donos e gerentes raramente faziam parte da comunidade ou sua luta. As tensões entre a polícia de *Nova York* e os moradores homo e transexuais de *Greenwich Village* geraram mais protestos novamente noites depois. Em poucas semanas, os moradores da vila organizaram-se em grupos ativistas para concentrar esforços na criação de estabelecimentos onde LGBTQs pudessem ser abertos sobre sua orientação sexual sem medo de serem presos.

Em poucos anos, organizações de direitos dos LGBTQ+ foram fundadas nos EUA e no mundo. Em 28 de junho de 1970, as primeiras marchas do orgulho

aconteceram em *Nova York, Los Angeles, São Francisco, e Chicago* comemorando o aniversário da rebelião.

Marchas semelhantes foram organizadas em outras cidades. Hoje, os eventos do Orgulho Gay acontecem anualmente em todo o mundo no final de junho para marcar a luta de *Stonewall*. O Monumento Nacional de *Stonewall* foi estabelecido no local em 2016. A partir de 2017, um projeto estava avançando pelo estado de *Nova York* para sediar a maior celebração internacional de orgulho LGBT em 2019, conhecida como *Stonewall 50 World Pride*, para comemorar o 50º aniversário dos motins de *Stonewall*.

Stonewall é reconhecido como o evento catalisador dos modernos movimentos em defesa dos direitos civis de LGBTs. O acontecimento foi um marco por ter sido a primeira vez que um grande número de LGBTs se uniu para resistir aos maus tratos da polícia e é hoje considerado como o evento que deu origem aos movimentos de celebração do orgulho gay (COTTA, 2009, p. 09).

O movimento voltado para a diversidade de identidade e gênero após muita luta pelos direitos, recebeu oficialmente o dia 28 de junho como Dia Internacional do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), além de visibilidade e uma série de eventos de ações afirmativas para a comunidade que comemora o orgulho e a cultura. Um exemplo seria a parada do orgulho LGBT+ que acontece mundialmente, sendo uma das maiores a do Estado de São Paulo.

A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é um desfile anual dedicado ao orgulho homo e transexual. O evento ocorre na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, Brasil e o desfile acontece desde 1997. Quase uma década depois, em 2006, foi considerada a maior parada do Orgulho LGBT do mundo, na época, entrando para o *Guinness Book of World Records*, e rivalizando com a *The New York City Pride March* (Marcha do Orgulho de Nova York), que atualmente é considerada a maior do planeta.

A marcha do Orgulho LGBT e seus eventos associados são organizados pela APOGLBT (Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis e Transexuais), desde seu surgimento em 1999. A marcha é a principal atividade do evento e o mais atrativo. Atrai a imprensa, as autoridades brasileiras e as centenas de milhares de curiosos que se alinham ao longo do percurso do

desfile. O início do desfile é marcado no Museu de Arte de São Paulo (MASP) localizado na rua mais larga e famosa, a Avenida Paulista e o desfile tem 2,6 km de extensão.

A Parada do Orgulho de São Paulo é fortemente apoiada pelo governo federal, pelo governo do Estado de São Paulo e também pela prefeitura da cidade. Políticos aparecem para abrir o evento principal e desfilar com um carro alegórico do governo. A Caixa Econômica Federal, um banco do governo e a Petrobrás, empresa petrolífera brasileira, já reafirmaram seu compromisso de apoiar a causa, financiando mais uma vez o evento.

O movimento debate identidade e gênero, assuntos considerados tabus atualmente na sociedade, e que na maioria dos casos, são usados como forma de opressão contra os indivíduos que se encaixam no movimento representante da diversidade. O debate ocorrido sobre o tema, historicamente é voltado para o discurso de teor sociopolítico, que em sua maioria tem como consequência a repressão à cultura, os costumes e modos de vida.

No levantamento realizado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (ILGA, em inglês) aproximadamente 73 países do mundo ainda criminalizam os homossexuais e grupos congêneres. É passível de prisão, em alguns casos, podendo ser aplicadas penas elevadas, de no mínimo 14 anos de cadeia ou até mesmo prisão perpétua, em pelo menos 13 países. O relacionamento com pessoas do mesmo sexo pode resultar em pena de morte.

Segundo as estatísticas apresentadas por agências internacionais de direitos humanos, matam-se mais homossexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África, onde há pena de morte contra os LGBTs. A LGBTfobia é um sério problema das cidades brasileiras, em especial as do interior, onde se encontra 70% de uma população conservadora. Segundo o levantamento obtido pelo jornal O Globo (2018), a cada 19 horas um LGBT é assassinado ou comete suicídio por ter sido vítima da LGBTfobia, o que torna o Brasil o país com o maior índice desse crime.

O Brasil segue em primeiro lugar do ranking de país que mais mata transexuais, segundo dados da ONG *Transgender Europe* (TGEU). Em razão da proximidade do Dia Internacional da Memória Trans, no dia 20 de novembro, entre 1º de outubro de 2017 e 30 de setembro de 2018, 167 transexuais foram mortos no

Brasil. A pesquisa, feita em 72 países, classificou o México em segundo lugar, com 71 vítimas, seguido pelos Estados Unidos, com 28, e Colômbia, 21.

De acordo com o último relatório da ILGA, o Brasil ocupa o primeiro lugar em homicídios de LGBTs no continente americano, sendo o país em termos constitucionais o primeiro da América Latina a descriminalizar a homossexualidade e incluído na lista do “reconhecimento”, já que o casamento gay foi reconhecido por via judicial.

Como falta tempo para pensar e ter sossego no pensar, não se estuda mais as opiniões divergentes: contenta-se em odiá-las. Em virtude da enorme aceleração da vida, o espírito e o olhar estão acostumados a ver e a julgar parcial ou erradamente e todos se assemelham aos viajantes que tomam conhecimento de uma região e de um povo, sem sair do trem (NIETZSCHE, 2007, p. 198).

Em pesquisas feitas por especialistas, ativistas e comunidade LGBTs sobre o preconceito, é correto afirmar que a discriminação está associada com a intolerância religiosa. A população possui dificuldade de codificar algo que se encontra fora da sua realidade, levando aquilo que não lhe diz respeito, à uma insignificância e irrelevância.

Atualmente 86 países ainda punem a comunidade LGBT. Segundo pesquisas, 13 países ainda preveem a pena de morte para atos sexuais consentidos entre pessoas adultas do mesmo sexo. Em quatro deles – Sudão, Arábia Saudita, Irã e Iêmen –, a pena é efetivamente aplicada pela Justiça no país todo. Em dois – Nigéria e Somália –, é aplicada em algumas províncias.

O crime de ódio contra a comunidade LGBT muitas vezes ocorre pelo preconceito envolvendo relacionamento homoafetivo, transexualidade, entre outros. Os ataques também podem ser atribuídos à própria mentalidade conservadora de uma parcela da sociedade. Uma variedade de grupos religiosos, bem como os defensores de ideologias extremistas condenam a homossexualidade, bissexualidade e transexualidade definindo-a como moralmente errada. A violência direcionada a indivíduos por causa de sua sexualidade e identidade de gênero pode ser tanto de forma psicológica como física, incluindo o assassinato ou suicídio. Estas ações podem ser causadas por hábitos culturais, religiosos ou políticos, que estão vinculadas a um pensamento preconceituoso.

1.1 DEBATENDO GÊNERO DE FORMA INICIAL

Gênero é a gama de características que pertencem e diferenciam a masculinidade e a feminilidade. Dependendo do contexto, essas características podem incluir sexo biológico – o estado de ser masculino, feminino ou uma variação intersexual –, estruturas sociais baseadas no sexo – papéis de gênero –, ou identidade de gênero. Tradicionalmente, as pessoas que se identificam como homens e mulheres ou usam pronomes de gênero masculinos e femininos, estão usando um sistema binário de gênero, ao passo que aqueles que existem fora desses grupos, se enquadram nos termos gerais não binários ou *genderqueer*. Algumas culturas têm papéis de gênero específicos que são distintos de homem e mulher, como as *Hijras* – termo dado a eunucos, pessoas intersexuais e transgênero – do sul da Ásia. Estas pessoas são frequentemente referidas como terceiro sexo.

A **identidade de gênero** refere-se a um reconhecimento pessoal com um papel específico de gênero e gênero na sociedade. Existem análises qualitativas que exploram e apresentam a personificação de gênero. Atualmente grupos de comunidades LGBTs e várias vertentes do movimento feminista desafiam essas ideologias dominantes com relação a papéis de gênero e o sexo biológico. A questão biológica está diretamente ligada a papéis sociais específicos e suas expectativas.

A **identidade social** refere-se à identificação comum com uma categoria social que cria uma cultura genérica. De acordo com a teoria da identidade social, um componente importante do autoconceito é derivado de associações em grupos e categorias sociais. Isso é demonstrado por processos de grupo e como as relações intergrupais impactam significativamente a autopercepção e os comportamentos dos indivíduos. Os grupos aos quais as pessoas pertencem, portanto, fornecem aos membros a definição de quem eles são e como devem se comportar dentro de sua esfera social.

O gênero é o mecanismo pelo quais as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados (BUTLER, 2006, p. 59).

Equidade de gênero significa justiça de tratamento para mulheres e homens, de acordo com suas respectivas necessidades. Isso pode incluir tratamento igual ou tratamento diferente, mas que são consideradas equivalentes em termos de direitos, benefícios, obrigações e oportunidades.

O livro *ABC of Women Worker's Rights and Gender Equality* (ABC dos Direitos das Mulheres Trabalhadoras e Igualdade de Gênero) fala que igualdade de gênero, ou igualdade entre homens e mulheres, implica o conceito de que todos os seres humanos, homens e mulheres, são livres para desenvolver suas habilidades pessoais e fazer escolhas sem as limitações impostas por estereótipos, papéis rígidos de gênero e preconceitos. Igualdade de gênero significa que os diferentes comportamentos, aspirações e necessidades de mulheres e homens são considerados, valorizados e favorecidos igualmente. Isso não significa que mulheres e homens tenham que se tornar iguais, mas que seus direitos, responsabilidades e oportunidades não dependerão do fato de nascerem homens ou mulheres.

Sujeitado ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o "eu" nem precede, nem segue o processo dessa "criação de um gênero", mas apenas emerge no âmbito e como a matriz das relações de gênero propriamente ditas (BUTLER, 1993, p. 7).

A paz universal e duradoura só pode se desenvolver com base na justiça social. Este é declarado no preâmbulo da Constituição da OIT de 1919. Mesmo naquela época, imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, a proteção das mulheres e o princípio remuneração igual por trabalho de igual valor foram destacados como áreas pedindo uma ação imediata. Na Filadélfia, em 1944, a Organização Internacional do Trabalho aprovou uma declaração, agora um anexo à Constituição, que proclama que “todos os seres humanos, independentemente de raça, credo ou sexo, têm direito de buscar tanto o bem-estar material quanto o desenvolvimento espiritual em condições de liberdade e dignidade, de segurança econômica e igualdade de oportunidades” (Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho).

Transgênero é um termo genérico para designar pessoas que têm uma identidade de gênero que difere de seu sexo atribuído. São chamadas de transexuais – homens trans e mulheres trans – se desejam assistência médica para fazer a transição de um sexo para outro. Pode incluir pessoas que não são exclusivamente masculinas ou femininas, pessoas que são sexuárias ou não-binárias, *genderfluid* ou *agender*.

A contraparte do transgênero é cisgênero, que descreve pessoas cuja identidade ou expressão de gênero corresponde ao sexo atribuído. Ser transgênero não está correlacionado com a orientação sexual de um indivíduo, já que pessoas trans podem se identificar como heterossexuais, homossexuais, bissexuais, assexuais ou asexuais.

A maioria das pessoas transgênero enfrenta discriminação no local de trabalho, no acesso à acomodações públicas e na procura por assistência médica. Em muitos lugares, eles não são legalmente protegidos contra a discriminação.

Muitas culturas têm diferentes sistemas de normas e crenças baseadas no gênero, mas não há um padrão universal para um papel masculino ou feminino em todas as culturas. Os papéis sociais de homens e mulheres em relação uns aos outros, são baseados nas normas culturais dessa sociedade, que levam à criação de sistemas de gênero. O sistema de gênero é a base dos padrões sociais em muitas sociedades, que incluem a separação dos sexos e a supremacia das normas masculinas e transfóbicas.

1.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL

A orientação sexual tem como classificação três categorias distintas, conforme a sua atração, podendo ser afetivo e/ou sexual – tendo o sufixo adequado para cada situação – , sendo homossexual as pessoas que se atraem pelo mesmo sexo, heterossexual aqueles que se atraem pelo sexo oposto e bissexual o indivíduo que sente atração pelos gêneros feminino e masculino; enquanto a assexualidade ou a falta de atração sexual é às vezes identificada como a quarta categoria.

Uma forma de deslocar a polarização acerca da homossexualidade pensada como uma “opção” ou como uma “condição” inata. O uso do termo “orientação sexual” implica afirmar que não se trata de escolha individual racional e voluntária, mas não se trata também de uma determinação simples (CÂMARA, 2002).

O termo orientação surge da ideia contra o pensamento em que a atração é controlável e que o indivíduo **se torna** homossexual por influência do seu meio, pensamento esse que era usado para medidas de ideologia homofóbica, em sua maioria surgida de uma comunidade religiosa que a usava para uma conversão, popularmente conhecida como **cura gay**.

Segundo a Associação Americana de Psicologia, a orientação sexual:

também se refere ao senso de identidade de uma pessoa com base nessas atrações, comportamentos relacionados e participação em uma comunidade de outras pessoas que compartilham essas atrações.

Pesquisas realizadas ao longo de várias décadas demonstraram que a orientação sexual varia ao longo de um continuum, desde a atração exclusiva pelo sexo oposto até a atração exclusiva pelo mesmo sexo.

Os homens não são representados através de duas populações discretas, heterossexual e homossexual. O mundo não é subdividido em carneiros e cabras. É um fundamento da taxonomia que a natureza raramente pode ser tratada em categorias discretas. O mundo em que vivemos é contínuo em todos e em cada um dos aspectos. (...) Quando se enfatiza a continuidade das graduações entre os heterossexuais e homossexuais exclusivos ao longo da história, parece ser desejável desenvolver uma gama de classificações que podem ser amparadas em quantidades relativas de experiências e respostas heterossexuais e homossexuais em cada caso. Um indivíduo pode ser associado numa posição da escala em cada período de sua vida. Uma escala de sete categorias aproxima-se de representar as várias graduações que existem atualmente (KINSEY, 1948).

A primeira escala da classificação criada por Kinsey tinha trinta categorias que representavam os estudos de caso feitos pelo pesquisador, mas sua escala final se consolidou em apenas sete categorias.

Tabela 1 – Categorias de atração afetivo-sexual

Nível	Descrição
0	Exclusivamente heterossexual
1	Predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual
2	Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência
3	Bissexual

4	Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência
5	Predominantemente homossexual, apenas eventualmente heterossexual
6	Exclusivamente homossexual
X	Assexual

Fonte: adaptado de Kinsey (1948).

A tabela é dividida em níveis de 0 a 6 e conta com a inclusão do nível catalogado como X, ou popularmente associado ao número 7. O nível 0 tem sua representação como exclusivamente heterossexual, aquela pessoa que só mantém relação com pessoas do sexo oposto, diferente do 1, 2 e 3 que são respectivamente: Predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual; predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência; Bissexual. Tais medidas são contrárias do 0 já que existe atração física ou afetiva por um ou mais indivíduo do mesmo sexo.

A descrição dos números 4 e 5, remetem aos dos números 1,2 e 3, porém a diferenciação vem do fator da relação entre pessoas do sexo oposto podendo ter atração física ou afetiva heterossexual. Enquanto o 6 é exclusivamente homossexual, sem relações com indivíduos de sexo oposto. O espectro X – Assexual –, que tem nenhum ou raros/específicos momentos de atração sexual.

A escala da classificação de Kinsey surgiu com o propósito de demonstrar que a sexualidade vai além de um espectro de duas categorias estritas: homossexual e heterossexual. A ideia de Kinsey é um conceito fluido e sujeito a mudanças ao longo do tempo.

A identidade sexual tem sido descrita como um componente da identidade de um indivíduo que reflete em um conceito sexual próprio. A integração dos respectivos componentes de identidade formada por um indivíduo, que pode ter fatores morais, religiosos, étnicos, ocupacionais em uma identidade geral, é essencial para o processo de desenvolvimento do construto multidimensional da identidade.

A identidade sexual pode mudar ao longo da vida de um indivíduo assim como Kinsey discursa sobre a sexualidade enquanto conceito fluido, que pode ou não se alinhar ao sexo biológico, comportamento sexual ou orientação sexual real.

Kinsey ressaltou que a maioria das pessoas deseja dar vazão à sua sexualidade de muitas maneiras, que virtualmente todas as pessoas têm algum comportamento sexual que é de algum modo condenado pela sociedade ou talvez até pela lei (GOLDENSON; ANDERSON, 1990, p. 200).

2 O ATIVISMO EM REDE

2.1 O YOUTUBE

A plataforma digital denominada *Youtube*, foi inaugurada em 14 de fevereiro de 2005 e criada por três ex-funcionários da *PayPal* – Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. Tem como função permitir que os usuários façam *upload*, visualizem, classifiquem, compartilhem, adicionem a favoritos, denunciem, comentem vídeos e se inscrevam em contas de outros usuários. A *Google* comprou o site em novembro de 2006 por 1,65 bilhões de dólares americanos. O *YouTube* agora opera como uma das subsidiárias da gigante *Google*. Em agosto de 2018, o site passou a ser classificado como o segundo site mais popular do mundo, de acordo com a *Alexa Internet*.

O conteúdo disponível na plataforma inclui videocliques, cliques de programas de TV, curtas e documentários, gravações de áudio, trailers de filmes, transmissões ao vivo e outros conteúdos, como vídeos em blogs, vídeos curtos originais e vídeos educativos. A maior parte do conteúdo no *YouTube* é carregada por indivíduos, mas empresas de mídia, como *CBS*, *BBC*, *Vevo* e *Hulu*, oferecem parte de seus conteúdos como parte do programa de parceria do *YouTube*. Os usuários não registrados só podem assistir a vídeos no site, enquanto os usuários registrados têm permissão para enviar um número ilimitado de vídeos e adicionar comentários aos vídeos. Vídeos considerados potencialmente inapropriados estão disponíveis apenas para usuários registrados que tenham pelo menos 18 anos de idade.

No web site é encontrado um amplo leque de categorias. Os mais virais são de temática sobre o cotidiano, como conversas entre influenciadores digital e o público que os acompanha. A temática sobre a rotina das pessoas geralmente tem viés humorístico e/ou de reflexivo sobre assuntos muitas vezes considerados tabu.

O interesse contemporâneo por essas pequenas narrativas do cotidiano expressa ainda a relação mais mútua e intrincada entre os produtores e os consumidores, agora quase impossíveis de serem encaixados nas duras categorias de emissores e receptores. A essas mudanças se adiciona outro componente, as grandes narrativas ordenadoras e os esquemas escatológicos que organizavam as categorias modernas perderam a sua força; surgem novas micronarrativas, discursos amparados na subjetividade e, por consequência, aumenta o interesse pelas biografias e pelas autobiografias. Subsiste, continuamente, o desejo de uma vida narrada e a narração de si parece ser um modo de defesa perante as

dispersões e fragmentações da vida moderna (COSTA, 2009b, p. 142).

Tanto indivíduos particulares quanto grandes empresas de produção usaram o *YouTube* para captar o maior número de usuários possível. Produtores independentes criam milhares de conteúdos com pouquíssimo custo ou esforço e celebridades da mídia entraram para a comunidade virtual do Youtube a convite de uma administração dos criadores. Atualmente, os criadores de conteúdo tem pontos de audiência percebidos potencialmente maiores do que muitas vezes alcançáveis pela televisão. A grande variedade de tópicos cobertos pelo *YouTube* tornou o compartilhamento de vídeo uma das mais importantes partes da cultura da Internet.

Os impactos deste processo [O uso da web e seus recursos, como as redes sociais] na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos têm levado ao reconhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas. Raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc. (BRENNAND, 2006, p. 202).

O *YouTube* gerou o surgimento de uma nova profissão, denominada *youtuber* ou *vlogger*, que possui seus 500 principais parceiros mais destacados pelas mídias recebendo de forma rentável US\$ 100.000 por ano e seus dez canais mais acessados mundialmente de US\$ 2,5 milhões a US\$ 12 milhões.

O *Washington Post* informou que uma parcela desproporcional dos canais mais assinados do *YouTube* apresenta minorias, contrastando com a televisão convencional em que as estrelas são em grande parte brancas. O *YouTube* virou uma ferramenta de debate político e outros temas de cotidiano muitas vezes considerados tabus, em seu site surgiu o projeto anti-bullying *It Gets Better*, dirigido a adolescentes LGBT+ que estavam com problemas recorrentes do preconceito contra a comunidade. Em dois meses, este projeto atraiu centenas de respostas em vídeo, incluindo do ex-presidente dos EUA, Barack Obama. Em resposta ao vídeo de Amanda Michelle Todd, de quinze anos, “Minha história: Luta, intimidação, suicídio, autoflagelação”, uma ação legislativa foi tomada quase imediatamente após seu suicídio, buscando estudar a prevalência de *bullying* e formar um sistema *anti-bullying* nacional.

2.2 CIBERATIVISMO LGBTQ+

Ciberativismo é a utilização dos meios de comunicação virtuais, como plataformas de mídias sociais, *e-mail* e *podcasts*, para várias formas de ativismo, de maneira que permita uma comunicação mais rápida e eficaz, fazendo essa entrega de informações específicas para públicos grandes e distintos. Os meios oferecidos no ambiente virtual são usados para captação de recursos relacionados às causas, construção de comunidades e organizações.

Talvez não seja impossível elaborar certo número de regras táticas para uma “boa escolha” do corpus: tentamos [...] circunscrever melhor o conceito de **representatividade**, focalizando dois meios para chegar a isso: a representatividade do corpus pode ser obtida quer por amostragem estatística, quer por saturação do modelo; nesse último caso, o modelo construído a partir de um segmento intuitivamente escolhido e aplicado ulteriormente, para confirmação, complemento ou rejeição, a outros segmentos, até o esgotamento da informação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 105, grifo nosso).

O tema abordado se refere ao ciberativismo LGBT na plataforma de compartilhamento de vídeos online, o *Youtube*, e como isso é exposto na mesma. Os canais que aqui serão utilizados como estudos de caso, foram selecionados pela sua forma de abordar o assunto em sua plataforma digital. O *Youtube* se tornou palco para movimentos pró-minorias muitas vezes esquecidas pela mídia tradicional, já que a plataforma de vídeos transforma em criador de conteúdo quem antes era espectador.

Para os ciberativistas, o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que, na maioria das vezes, não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso, a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas ideias (COTTA, 2014, p. 04).

O ciberativismo tem como propósito debater sobre o preconceito enfrentado pela comunidade LGBT e como isso é exposto para o público em geral, além de fazer um recorte sobre os perigos da LGBTfobia.

O ativismo digital viraliza e legitima o posicionamento do movimento LGBT sobre a comunidade conservadora e os ataques LGBTfóbicos, que geram as estatísticas citadas no capítulo anterior, acerca das mortes de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais.

Nesta pesquisa, analisamos a produção LGBTQ de efeito conscientizador e de afirmação nos canais do *YouTube*. Também foi analisado o caráter humorístico dos canais estudados, vendo-o como técnica para geração de rupturas (resistência e transgressão) contra o discurso heteronormativo.

3 LGBT EM FOCO

3.1 AGRADECIMENTO DE UM “EX” GAY

Um dos canais escolhidos para a pesquisa é o *Philmando*, do brasileiro Philipe Marques, que obteve destaque após o vídeo “Agradecimento de Um Ex-Gay”, ter ganhado visibilidade nas redes sociais com mais de 216 mil visualizações. O vídeo é uma sátira em forma de agradecimento vindo de um ex-homossexual, que após sofrer homofobia a sua vida toda, pesquisou a tão propagada cura da homossexualidade na internet. Porém, o mesmo deixa bem claro quando fala que não procurou nos livros ou páginas sérias e sim nas redes sociais, já que elas são as melhores fontes de informação nos dias atuais e, que se arrepende de não ter visto isso antes, já que teria evitado o *bullying* da infância e os transtornos psicológicos que o acompanharam no seu crescimento, que acompanham a maioria das crianças e adolescentes LGBTs. O vídeo foi uma crítica ao ideal conservador presente na maioria da população brasileira. Seu reconhecimento entre os jovens se deu ao fato de abranger o cotidiano da população jovem LGBT e suas dificuldades.

As videografias de si constituem-se como pequenas autobiografias em vídeo do YouTube, nas quais a enunciação de si contém de fortes tons midiáticos. Nelas, são descritas e narradas experiências do cotidiano, impressões e análises de si, geralmente ancoradas em situações corriqueiras do dia a dia. Elas são produtos de indivíduos para os quais o registro e a exibição de si em vídeo se torna tanto um modo de representação como uma expressão de subjetividade. Nas videografias, essa dupla função se articula com um viés confessional para constituir sua especificidade (COSTA, 2009, p. 206).

3.2 COMO SE ASSUMIR PARA A FAMÍLIA?

A jovem *Youtuber*, Louie Ponto, aborda um tema importante na vida dos jovens da comunidade LGBT+: o ato de se assumir para seus parentes e amigos, um grande passo na vida dos jovens. No vídeo, a vlogueira debate sobre maneiras pacíficas de se assumir para a família, além de citar trechos do seu momento e de seus conhecidos.

Eu sempre evitei me meter porque sempre achei uma responsabilidade muito grande dizer como alguém deve sair do armário, até porque cada pessoa tem uma realidade diferente, mora

num lugar diferente, tem uma família diferente, então por conta disso não existe uma maneira ideal ou melhor para sair do armário (LOUIE PONTO, 2017).

Louie fala sobre a dificuldade de abordar tal tema e que foi estimulada a falar por causa das mensagens dos seus fãs, o que mostra que a temática é um tabu na vida da maioria da comunidade LGBTQ+. Mostra também que os jovens estão se sentindo cada vez mais representados e confortáveis para debater o assunto, mas o medo da rejeição por parte da família e amigos os desestimula a serem honestos.

No vídeo, a florianopolitana diferencia alguns detalhes entre amigos e família, além de alertar seu público para a importância de ter amigos que apoiem suas escolhas e deixar claro que pessoas são diferentes e passíveis de mudança, mas faz um alerta para que os jovens tomem cuidado com quem não respeita suas diferenças, entrando na temática de relacionamentos tóxicos.

A jovem explicita que sua experiência pode não ser a mesma para todos. Ela destaca que sua vivência não é regra e que seu objetivo é fazer um relato e alertar seu público para possíveis reações, já que o ato de se assumir, muitas vezes pode ser perigoso, ainda mais no país que mais mata LGBTQ+.

3.3 #VISIBILIDADETRANS

A *youtuber* que é referência sobre transexualidade é a Amanda Guimarães, criadora de conteúdo do canal *Mandy Candy*, que usa a internet como forma de representatividade, onde fala abertamente sobre sua transição e pontua as dificuldades da vida de uma pessoa trans.

Seu canal é marcado por vídeos sobre beleza, mas seu conteúdo com mais visualização são os que a hashtag – palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita, frequentemente utilizada para sites – #VisibilidadeTRANS está presente, marca dos vídeos com conteúdo baseado na sua vivência.

No vídeo escolhido da vlogueira Amanda Guimarães, a mãe da jovem participa com o objetivo de falar sobre a responsabilidade da família e aceitação na temática trans. A ideia surge para debater e conscientizar sobre o preconceito existente no ambiente familiar, e mostrar como é devastador, pois muitos integrantes

da comunidade trans assumidos são agredidos verbal ou fisicamente, além de serem proibidos de continuar morando com seus familiares.

Neste vídeo, a *youtuber* debate a ideia de que sua transição está vinculada a sua criação, fato esse que a mesma desconstrói ao afirmar que tem irmãos e nenhum outro passou por esse processo. Amanda fala da naturalização da fluidez humana e explica sobre os desafios em viver numa sociedade hetero cis.

A porto-alegrense fala abertamente sobre sua trajetória e dificuldades e afirma: *“antes de me assumir mulher trans, tive que superar a minha própria transfobia”*.

No seu canal, *Mandy Candy*, a jovem é líder em criação de conteúdo para a comunidade trans, já que seu perfil é o que mais aborda tópicos de redesignação sexual, transições e abrigos para pessoas que sofrem ou sofreram alguma forma de preconceito.

Atualmente, a comunidade trans é a que mais sofre preconceito. A estimativa de vida de transexuais é de 35 anos, ou seja, metade da média da população mundial, uma consequência da transfobia, Brasil é líder no ranking de países que mais mata transexuais, diz ONG.

3.4 BISSEXUAL: COMO É? #ORGULHODESER

Bissexualidade é atração por pessoas de qualquer sexo ou identidade de gênero, este último aspecto é, às vezes, alternativamente denominado pansexualidade. Uma identidade bissexual não equivale necessariamente à igual atração sexual por ambos os sexos. Há pessoas que têm uma preferência sexual distinta, mas não exclusiva, de um sexo sobre o outro e ainda assim, se identificam como bissexuais.

No canal da paulista Ellora Haone, a mesma fala sobre a bissexualidade e a crença de a bissexualidade está diretamente ligada a entrar em relacionamentos igualmente entre homens e mulheres e também à indecisão.

O canal possui até o momento desta pesquisa, 1.156.534 inscritos, com um público 80% feminino e cerca de 826.121 pessoas alcançadas por vídeo. A jovem fala abertamente em seus vídeos sobre temas como feminismo, bissexualidade e auto aceitação. Saúde mental também é um tema recorrente. Ellora fala sobre como a bissexualidade está relacionada a vários fatores e desconstrói a imagem de

volúvel. Em seu vídeo, **BISSEXUAL: COMO É?**, traz convidados também bis, mas que se encaixam de maneiras diferentes entre si.

O vídeo feito por Ellora carrega a hashta, **#Orgulho de ser**, que foi usada em uma campanha publicitária criada com intuito de conscientizar sobre a homo e a transfobia; além de debater e explicar assuntos importantes relacionados a gêneros e orientação sexual – uma corrente virtual de educação sexual.

Se essa atração ocorrer por alguém de sexo igual ao seu - será uma atração homossexual, se a atração sexual for por alguém de sexo diferente do seu - será uma atração heterossexual, ou ainda se a atração sexual ocorrer tanto pelo sexo feminino como pelo masculino - será uma atração bissexual (GAVRANIC, 2006).

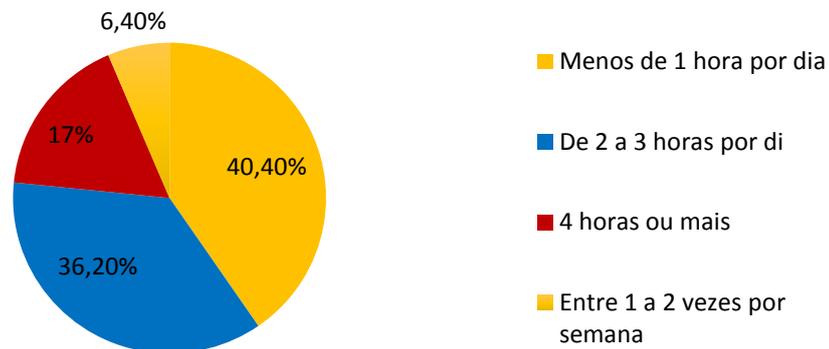
4 PESQUISA DE CAMPO

4.1 MOVIMENTO LGBTQ+ E SUA INFLUÊNCIA

Uma pesquisa foi feita buscando aprofundar a discussão acerca do tema. Participaram quarenta e sete pessoas, com perfis distintos buscando debater o ciberativismo e sua influência sobre cada indivíduo. Os resultados coletados mostram que 45 pessoas concordam com o uso do *Youtube* como ferramenta educadora para o tema abordado. As outras duas pessoas se dividiram em neutro e negativo. Apenas 4,25% não foram positivos, o que soma 2,127% como negativo/outro, e resulta em 95,75% os apoiadores da causa LGBT.

Gráfico 1 – Frequência de acesso

Com que frequência você acessa o youtube?

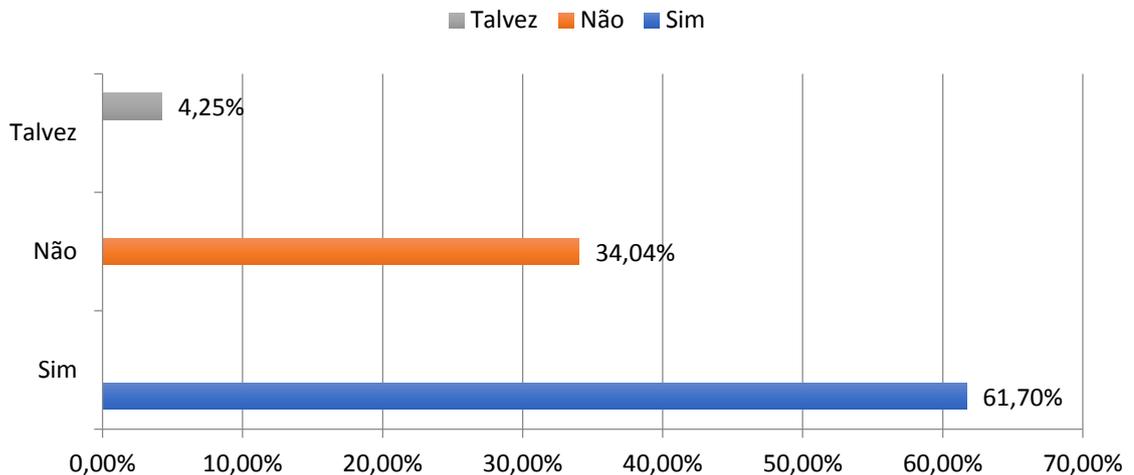


Fonte: a autora (2018).

Na pesquisa, foram coletados dados de dez questões sendo seis de múltipla escolha e quatro discursivas, sendo analisada a quantidade de horas gastas em conteúdo online. 40,4% afirmaram dedicar menos de 1 hora por dia aos conteúdos online; 36,2% disseram gastar entre 2 e 3 horas diárias; 17% admitiram passar 4 ou mais horas consumindo conteúdo online diariamente e apenas 6,4% disseram consumir este tipo de conteúdo entre 1 e 2 vezes por semana. De acordo com os dados obtidos, 53,2% dos usuários passam pelo menos duas horas na internet todos os dias.

Gráfico 2 – Influência por artistas

Você se acha influenciado por algum artista direta ou indiretamente?



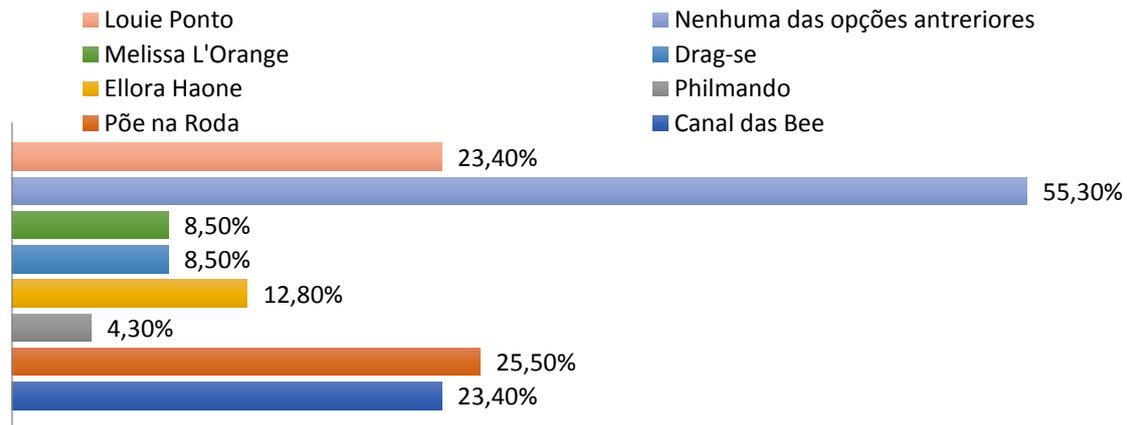
Fonte: a autora (2018).

A sexta pergunta do questionário trata sobre a influência de artistas – nacionais ou internacionais – no cotidiano dos participantes. Das quarenta e sete respostas, vinte oito afirmaram marcaram resultado positivo, dando um resultado de 59,5%, a opção negativa obteve quinze votos, sendo 31,91% e tendo como abstenções 4 votos, ou seja, 8,51% do total.

Sete canais foram escolhidos para debater a cultura e o movimento LGBT e usados no formulário com a adição “Nenhuma das opções anteriores”, que somou 55,3%, ou seja mais da metade dos usuários que fazem parte da comunidade LGBT desconhece sobre o uso do *YouTube* como ferramenta de debate e auto ajuda para o grupo minoritário em que estão inseridos. Canais que abordam temas de *Drag Queen*, bissexuais e transexuais foram os menos votados, mostrando que ainda existe um tabu mesmo dentro do movimento, de que apenas cis e homossexuais ainda recebem destaque dentro da comunidade.

Gráfico 3 - Canais acessados

Você acompanha algum dos canais abaixo em alguma rede social e/ou youtube? Marque se a resposta for sim.



Fonte: a autora (2018).

Na última questão, foi pedido que usuários discorressem sobre a atual conjuntura da população LGBT e o Brasil, e sobre como a internet se tornou uma ferramenta de representatividade.

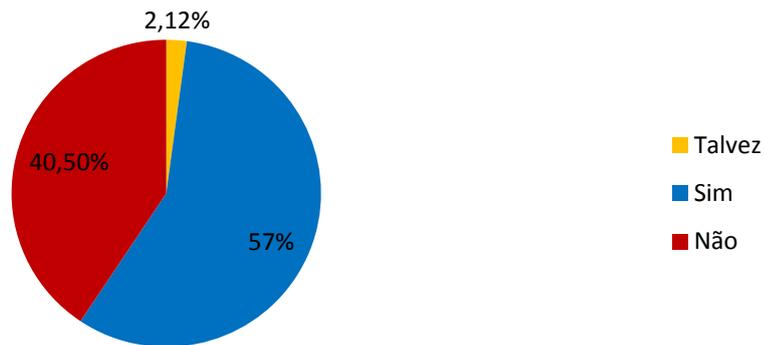
Acho muito importante ter LGBTs tendo voz mesmo que inicialmente em uma plataforma autônoma, porque só assim conseguem chegar a lugares que os meios de comunicação tradicional não chegam. E por consequência da fama chegam ao meio de comunicação tradicional também. (VALLE, Pedro, 2018).

4.2 DIGITAL INFLUENCERS

A pesquisa sobre o *Youtube* e sua importância em relação à influência dos jovens coletou dados sobre a influência direta e indireta do tema proposto. A partir das respostas, foi notado que 57% dos participantes – vinte e sete pessoas – afirmaram que o *Youtube* teve de alguma forma impacto em seu cotidiano. A sociedade é influenciada indiretamente por todos os tipos de discursos, pois a partir do momento que as ideias são semelhantes, elas passam a ser uma parte dos seus ideais.

Gráfico 4 – Impacto do YouTube na vida da comunidade

Algum vídeo e/ou canal teve impacto na sua vida?



Fonte: a autora (2018).

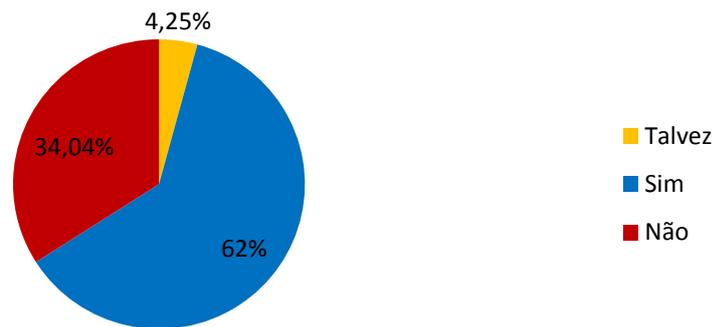
O *digital influencer* é uma forma de marketing em que o foco é colocado em pessoas selecionadas como influentes nas mídias sociais. O conteúdo do influenciador pode ser enquadrado como propaganda testemunhal, onde eles mesmos desempenham o papel de um comprador em potencial. Regido pelas regras da publicidade, a agência aplica padrões estabelecidos de publicidade a essa propaganda e estabelece requisitos para divulgação por parte dos influenciadores.

No contexto do *digital influencer*, a influência é menos sobre argumentação e coerção para um ponto de vista particular e mais sobre interações entre várias partes de uma comunidade. O trabalho do *influencer* tem como vertente a criação de conteúdos, podendo ser de ordem material ou artística. Alguns *digitais influencers* têm como conteúdo o enaltecimento de uma causa, uma espécie de mediação entre o público e uma ideologia.

Provavelmente sou influenciado por vários sem nem notar que isso acontece. Em termos de luta, a maioria que levanta bandeira acaba por me dar uma força extra (CASTRO, Jorge, 2018).

Gráfico 5 – Influência dos *digital influencers*

Você se acha influenciado por algum artista direta ou indiretamente?



Fonte: a autora (2018).

Atualmente cerca de 80% do tráfego online está atrelado a algum tipo de influenciador. A internet também passou a desbancar o maior meio de comunicação, a televisão. Uma pesquisa feita pela IMS – *Internet Media Services* – aponta que cerca de 82% dos brasileiros consomem vídeos sob demanda. 73% assistem à TV aberta e mesmo os que assistem televisão, assistem por menos tempo que os internautas.

Sinto felicidade por ver que cada vez mais esse público vem ganhando vez e voz, ganhando espaço nas produções midiáticas, e que os seus direitos fundamentais estão sendo respeitados. Com certeza a importância de *influencers* LGBT+, como também negros, é enorme, pois eles são a voz de muita gente que durante muito tempo permaneceu calado, por medo, mas que estão tendo coragem e enfrentando o mundo, ganhando cada vez mais voz por conta dessa representatividade nas redes. Mas o trabalho não pode parar, infelizmente ainda há muito preconceito, ainda há muito desrespeito aos direitos humanos, e infelizmente ainda há muitos outros *influencers*, canais, que perpetuam estereótipos e preconceitos em suas falas, e isso influencia comportamentos de exclusão. Por isso é preciso cada vez mais que o público LGBT+ ganhe seu espaço, para mudar essa perspectiva, quebrar preconceitos e estereótipos e

influenciar comportamentos de inclusão (SCHNEIDER, Ariana, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos textos e vídeos apresentados, foi possível observar que o conceito de representatividade abordado por diferentes perspectivas em plataformas online, foi uma grande influência em questão de entretenimento e causa social. A cultura por mais ampla que seja sua definição (a extensão da noção de cultura por motivos filosóficos, sociais, políticos e jurídicos), ainda está voltada para um grupo restrito que tem como protagonistas, a classe social dominante, idealizando essa forma de cultura como erudita e gerando uma rejeição da cultura considerada popular.

Existe a preocupação em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social e percebe-se a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes.

Em virtude do que foi mencionado, podemos concluir que são notáveis os elementos semânticos dos quais simbolicamente acarretam discussões sobre a maneira em que a representatividade vem sendo retratada no decorrer das conquistas feitas por causa do movimento LGBTQ+. Pode-se perceber a mudança gradativa de opiniões e posicionamentos da sociedade, seja do ponto de vista profissional, seja do modo comportamental. A forma como a “cápsula lúdica” em que a comunidade se apresenta, acompanha a evolução de geração pra geração, não apenas doutrinando o público alvo, como também preparando para um novo passo para diversidade na sociedade.

Ao considerarmos o *Youtube* e os meios de entretenimento, como forma de difundir uma mensagem, temos em vista o consumo emocional diante da mercantilização da cultura, onde o empoderamento das minorias entra em pauta e no decorrer do tempo, a imagem posta pelo conservadorismo acaba se afastando da figura convencional.

É necessário estudar as formas de comunicação, representação, protagonismo e recepção da comunidade LGBTQ no ciberespaço, especialmente na rede social de compartilhamento de vídeos *Youtube*, a partir da produção audiovisual de conteúdo sobre a temática. O objetivo é identificar as formas pelas quais a minoria utiliza esse espaço para realizar suas representações sociais e, para desmitificar o estereótipo negativo sobre a população LGBTQ em uma sociedade em que as relações são mediadas pelo virtual com intensidade crescente.

Com base em estudos bibliográficos que abordam questões relacionadas à cibercultura, representação, produção e recepção da comunicação e observação do objeto, o estudo aponta para a internet como uma ferramenta de causa social, através da utilização de meios virtuais.

Quando um usuário produz algum conteúdo no Youtube, este se comunica para audiências selecionadas (pessoas trans, LGBT's, ou curiosas com o tema), enquanto ao mesmo tempo encara a possibilidade de uma audiência global, visto que suas produções tornam-se públicas, de modo a permitir uma "consciência e defesa de direitos para assuntos relacionados à questão trans e para fazerem vozes serem ouvidas" (SANTOS; SILVA, 2018, p. 8.)

Com o passar das décadas, é nítida a diferença de posicionamento. Antes a homossexualidade e a transexualidade eram tratadas como doença. Atualmente, a internet e as décadas de luta dos LGBT+, não apenas por meio jurídico pelo qual foi gradativamente conquistado, mas uma também pela ótica social, psicológica e patriarcal que foi sobre elas empregada, cujo foco abre questionamentos para naturalização e aceitação do diferente devido à quebra de tabu através da legitimação da subjetividade, onde ganha força a voz da diversidade.

REFERÊNCIAS

Abc of women workers' rights and gender equality. 2 ed. Geneva: International Labor Office (December 1, 2000), 2007. 136 p.

ALVES, Adriana Avelar. **Diversidade de Gênero e sexo, e as Implicações Sociais e Jurídicas na Comunidade LGBT'S.** 2015. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Direito, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BARROS, Danielle Pinto Marques de. **A bissexualidade feminina: da discriminação ao processo de aceitação social.** 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Universitário Hermínio da Silveira, 2008. 77 p.

BORTONI, Larissa. **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional.** Senado Federal, 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

BUTLER, Judith. **Défaire le Genre.** Paris, Éditions Amsterdam, 2006.

_____. **El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad.** Barcelona: Paidós, 2007 [1990, 1999].

CÂMARA, Cristina. **Triângulo Rosa: a busca pela cidadania dos "homossexuais".** Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CASTRO, Flávia Lages De; RODRIGUES, Luiz Augusto. **Cultura: Gestão Cultural.** 1 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017. 105 p.

CASTRO, Jorge. **Entrevista concedida à Larissa Fares Maia**, 2018. Disponível em:

<<https://docs.google.com/forms/d/1Ka3bcQof5FEeIEp8VNHI8xb4MQOYJwuHNasKCLpF3Y/edit#responses>> Rio de Janeiro, 28 out. 2018.

CLEMENTINO, Fábio Siebra. **Ativismo das Bee: O YouTube em prol do ciberativismo LGBT**. 1 ed. Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba, 2017. 26 p.

COTTA, Diego De Souza. A rede sai do armário: o ciberativismo do arco-íris... **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Espírito Santo, p. 15, mai. 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0412-1.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

DINIZ, Pedro. **Brasil patina no combate à homofobia e vira líder em assassinatos de LGBTs**. Folha, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml?cmpid=compfb>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

ENGELBRECHT, Camila Wada. Identidade social na esfera política: A atuação de atores políticos em meios digitais. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Minas Gerais, p. 1-12, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1711-1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

EXAME. **Após 6 anos, STF julga ação que abre caminhos para criminalizar homofobia**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/apos-6-anos-stf-julga-acao-que-abre-caminhos-para-criminalizar-homofobia/>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

EXAME. **Ser homossexual é crime em 72 países, mostra relatório**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/ser-homossexual-e-crime-em-72-paises-mostra-relatorio/>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

GAVRANIC, Arlete M. Girello Tavares. **O que determina a bissexualidade?** AthosGLS, 2006. Disponível em: <http://www.athosgls.com.br/comportamento_visualiza.php?contcod=15563>. Acesso em: 03 nov. 2018.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et. al. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Amanda. MINHA FILHA É TRANSEXUAL E EU AMO ELA. **YouTube**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OBZfCOeQcWc&t=363s>>. Acesso em: 7 out. 2018.

HAONE, Ellora. BISSEXUAL: COMO É? #ORGULHODESER. **YouTube**, 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Wwd6jreN6Lg&t=4s> >. Acesso em: 7 out. 2018.

HUFFPOST. **Brasil continua líder no ranking de países que mais mata transexuais, diz ong**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/14/brasil-continua-lider-no-ranking-de-paises-que-mais-mata-transexuais-diz-ong_a_23589407/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes De; ALVES, Hailey. #Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista do programa de pós-graduação em ciências da UFRN**, Rio Grande do Norte, v. 8, p. 1-12, nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150/pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

JESUS, Jaqueline de. **PRECISAMOS VALORIZAR ATORES E ATRIZES TRANS**. 2018. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/precisamos-falar-sobre-o-trans-fake/>> *Rio de Janeiro, 28 out. 2018.*

LOUREIRO, Gabriela. **Agressões em casa, discriminação e risco de morte: os dramas das 'refugiadas' trans brasileiras**. BBC, 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37999436>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MANTOVANI, Flávia. **Relação homossexual é crime em 73 países; 13 preveem**

pena de morte. G1, 2016. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/relacao-homossexual-e-crime-em-73-paises-13-preveem-pena-de-morte.html>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

MARQUES, Philipe. AGRADECIMENTOS DE UM EX-GAY. **YouTube**, 19 abr. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pD7heZgZuQE>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Convenção 156 a conferência geral da organização internacional do trabalho.** Disponível em:
<https://www.ilo.org/brasilia/convencoes/wcms_242709/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 07 nov. 2018.

QUEIROGA, Louise. Brasil segue no primeiro lugar do ranking de assassinatos de transexuais. **O Globo**, 2018. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transexuais-23234780?versao=amp&__twitter_impression=true&fbclid=iwar1m_ymja_2vmvzvvg11ny8lxnhieqjp6wd09syv7owfb7oiwei4lwh_ur4>. Acesso em: 16 nov. 2018.

PONTO, Louie. COMO SE ASSUMIR PARA A FAMÍLIA?. **YouTube**, 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eZ_y518NUr4>. Acesso em: 7 out. 2018.

SANTOS, Luan Correia Cunha; SILVA, Yara Cinthya Walker Da. ENVIADESCER NO CIBERESPAÇO: LINA DA QUEBRADA E REPRESENTAÇÃO TRANS NO YOUTUBE. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 2, n. 1, p. 58-82, jan./abr. 2018.

SCHNEIDER, Arianna. **Entrevista concedida a Larissa Fares Maia**, 2018. Disponível em:
<<https://docs.google.com/forms/d/1Ka3bcQof5FEeIEp8VNHIIt8xb4MQOYJwuHNaskCLpF3Y/edit#responses>> Rio de Janeiro, 28 out. 2018.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira; PORTELA, Jean Cristtus. DAS FERRAMENTAS DE BUSCA AO TEXTO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBT EM REVISTAS DIGITAIS. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, – Universidade Estadual Paulista., v. 13, n. 2, p. 1-31, 201./nov. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8584>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SOUTO, Luiza. **Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório**. O Globo. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR. **O ciberativismo lgbt: uma análise do canal das bee na articulação e promoção do diálogo entre jovens**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/r50-0927-1.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

VALLE, Pedro. **Entrevista concedida a Larissa Fares Maia**, 2018. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/1Ka3bcQof5FEeIep8VNHI8xb4MQOYJwuHNaskCLpF3Y/edit#responses>> Rio de Janeiro, 28 out. 2018.

VIDEOGRAFIAS DE SI: A PRODUÇÃO DE SABERES NO YOUTUBE ATRAVÉS DOS RELATOS DE SI. **Seminário internacional enlaçando sexualidades**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/trabalho_ev072_md1_sa36_id915_19062017165246.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2018.